

GRANDES TEMAS DO CONHECIMENTO

AUTISMO

PSICOLOGIA

Nº 33

HOMOSSEXUALIDADE

Ansiedade

**A PRESSÃO
NO TRABALHO**

Psicoterapia

**O USO DA
HIPNOSE**

HIPNOSE

Comportamento

**O LADO BOM
DE TER MEDO**

ANSIEDADE

HIV

**A HOMOSSEXUALIDADE
E A SÍNDROME**

DEPRESSÃO

Autismo

**NEM GÊNIOS E NEM
PROBLEMÁTICOS,
MAS FANTÁSTICOS**



VERSÃO DIGITAL
ELABORADA POR
PACO'S AGÊNCIA
DIGITAL





O DRAMA DE EDUCAR EM TEMPOS DE CRISE

*A complexidade do tempo presente e a necessidade de dizer
“não” aos filhos e alunos*

52

ESTAMOS EM PLENOS TEMPOS DE CRISE. NÃO ESTAMOS NOS REFERINDO ESPECIALMENTE À CRISE FINANCEIRA OU À CRISE POLÍTICA. ESTAMOS FALANDO, EM ESPECIAL, DE CRISE DE VERDADES E DE VALORES. O QUE SEMPRE FOI CONSIDERADO CERTO, DE REPENTE LEVANTA DÚVIDAS. As atitudes que sempre foram recomendadas para certas circunstâncias com nossos filhos e alunos, de repente nos deixam inseguros, por não estarmos convictos de seus efeitos e resultados. Somos uma geração de educadores caracterizada pela dúvida e pela culpa. Dúvida sobre o que fazer e culpa por ter que colocar limites. Podemos resumir nossa época como uma transição da disciplina do medo para o medo da disciplina. Talvez seja porque já conhecemos as consequências desses dois extremos.

Os extremos desse dilema compõem a crise que vivemos como educadores. Não temos tido consciência da hora de diminuir a proteção e aumentar o cuidado. Talvez tenhamos esquecido até mesmo a real diferença entre proteger e cuidar. Proteger envolve tomar decisão pelo outro. Quem protege escolhe unilateralmente o que é melhor para o outro, excluindo-o da escolha e da decisão. “Você vai ficar em casa, pois tenho medo que você se perca!” Eis uma típica situação de proteção. A decisão é unilateral e não admite diálogo. Cuidar envolve oferecer escolhas, conscientizar sobre suas consequências e estar disponível para ajudar, caso seja necessário. Envolve análise de consequências e uma postura ativa por parte do outro. “Na rua tem muita gente e você pode se perder. Se isso acontecer, você pode



"Sabemos que estamos lidando com a geração mais questionadora, mais agitada e mais exigente de todos os tempos. É uma geração que nos obriga a ressignificar os referenciais de respeito."

ficar nervoso por não saber voltar pra casa. Se você quiser ir, tome cuidado, e, assim mesmo, não vá muito longe! Leve o celular e ligue para mim caso se perca." Nessa situação, a possibilidade de escolher claramente define a situação como cuidadora e não protetora. É por meio do cuidado que fazemos nossas crianças e jovens crescerem. Cuidar educa. Proteger, embora necessário de vez em quando, não.

Sabemos que estamos lidando com a geração mais questionadora, mais agitada e mais exigente de todos os tempos. É uma geração que nos obriga a ressignificar os referenciais de respeito. Também me parece verdade que estamos nós, pais e professores, com alguns problemas para desempenhar a tarefa de educar. Pelo que ouço de pessoas que viveram em outros tempos, no período compreendido entre as décadas de 1940 e 1970, pais e professores colocavam limites e não sofriam tanto por isso. Por alguma razão, ao longo das três últimas décadas, alguns fatos colaboraram para que surgisse em nós uma grande dificuldade no ato de colocar limites.

Pensando na dificuldade da nossa geração de educadores para colocar limites, surge o mito do trauma, tão difundido na década de 1970 e apoiado pela "Psicologia do Sim", que condenava toda e qualquer forma de repressão aos desejos. Trazemos reminiscências dessa Psicologia que nos implantou a dúvida sobre o fato de ser mesmo eficaz um "não" convicto, sonoro e tranquilo em momentos em que se fizer necessário. Ficamos na dúvida se a frustração, de fato, educa e se nossas crianças e jovens vão conseguir sobreviver a ela.

A evolução do papel da mulher na família também deu origem a algumas dificuldades na colocação de limites. Quando a mãe podia exercer o seu papel em horário integral, o estabelecimento de limites se dava de forma estruturada, até porque esse era um dos critérios de avaliação para que ela fosse considerada uma boa mãe. O pai era o provedor, somente requisitado a educar em situações extremas. A mãe era a educadora oficial. O mundo mudou e a mulher passou a fazer parte do mercado de trabalho. O convívio com os filhos foi reduzido,

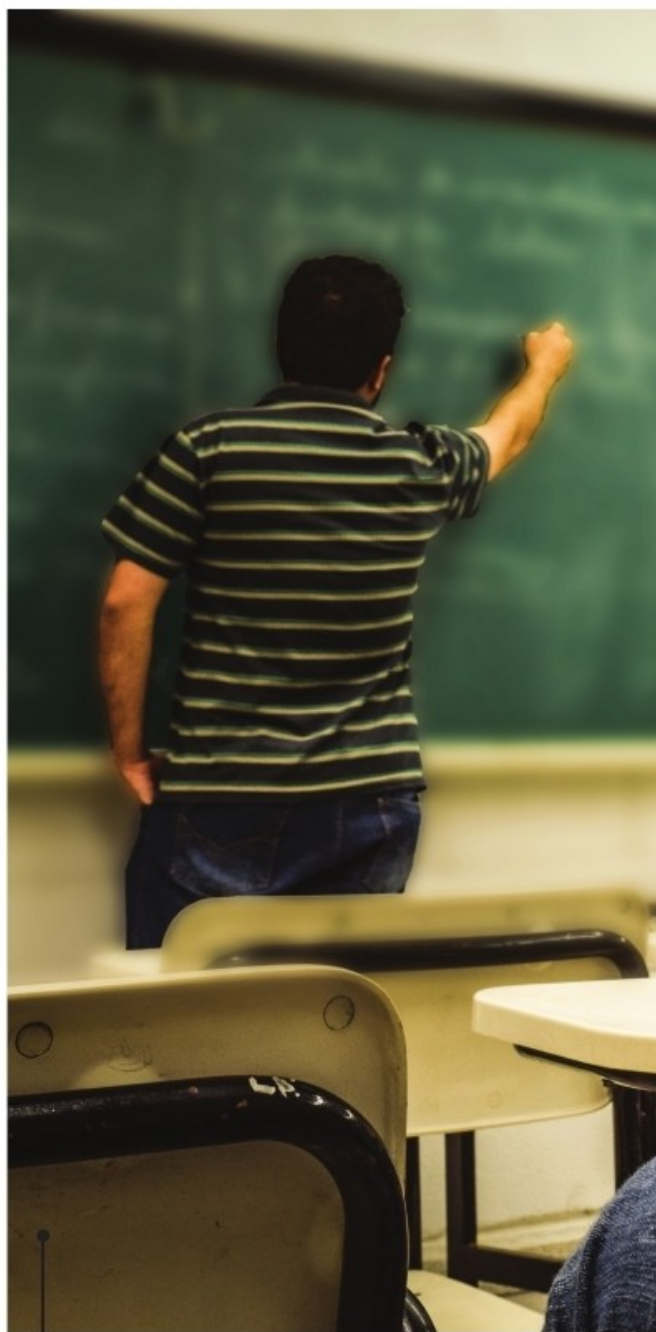


com poucas exceções, à hora de acordar, na agitação de aprontar para a escola e na chegada do trabalho, à noite, diante do cansaço e do estresse de um dia de trabalho. Essa nova rotina da mulher deu origem a uma mãe culpada, que costuma carregar o sentimento de “abandonar a cria”. O desafio da mulher atual é como continuar estabelecendo limites com tranquilidade e sem culpa?

Nas últimas décadas, a família vem passando por um processo de reestruturação provocado, dentre outras causas, pelo advento de divórcio. O aumento do número de separações conjugais e das consequentes perdas de guarda dos filhos trouxe consigo mais uma dificuldade no processo de colocação de limites. Institucionalizou-se aí o estilo paterno e o estilo materno de educar, que, muitas das vezes, não caminham juntos. A figura do pai, até então ausente do processo educativo, surge agora atônita, diante da função de “educador quinzenal”, que se consolida em meio à culpa da própria circunstância. O tempo para ser pai torna-se escasso e passa a ser utilizado para matar a saudade e cativar o amor dos filhos. Como impor limites e cultivar o amor simultaneamente num tempo tão escasso? A figura materna, no fundo, foi mantida no posto. Continua com a mãe (que na grande maioria dos casos fica com a guarda dos filhos) a tarefa da educação cotidiana já que convive mais tempo com as crianças.

As mães, por sua vez, com a separação, costumam perder a cumplicidade paterna (quando essa existia), e com isso ficam perdidas no estabelecimento de limites, ora exagerando, ora relaxando no rigor. A situação de ambos é agravada quando ocorre um novo casamento, que, embora passe a ser uma parceria conjugal, não se legitima como uma parceria educativa. Não são raras as situações no novo casamento em que a não legitimidade do padrasto ou madrasta de colocar limites nos filhos do outro seja o estopim de um conflito.

Em meio a toda essa reconfiguração das relações educativas, surge um professor (que por sua vez também está inserido em todo esse processo familiar) em crise diante da tarefa de colocar limites em um grupo de crianças ou adolescentes que passaram a chegar à escola sem os limites mínimos com os quais costumavam chegar em outros tempos. Com a árdua tarefa de ter que colocar limites de forma coletiva e individual, o professor oscila entre a compreensão permissiva e a intransigência castradora, passando a considerar um martírio a tarefa de educar. Essa dificuldade por parte dos professores e da escola como



“Com a árdua tarefa de ter que colocar limites de forma coletiva e individual, o professor oscila entre a compreensão permissiva e a intransigência castradora, passando a considerar um martírio a tarefa de educar.”



[EDUCAÇÃO]

um todo deu origem a uma distorção funcional: a crença de que escola é lugar somente de aprendizagens cognitivas e que aprendizagem atitudinal e aprendizagem de valores é competência exclusiva da família. Vemos com frequência frases como “Escola ensina, família educa” nas redes sociais acompanhadas de milhares de curtidas, em sua maioria, de professores, imagino eu. Refiro-me a essa situação como uma distorção funcional porque tanto escola quanto família educam, assim como ambas também ensinam. O que as diferencia são os contextos, os métodos e os objetivos. A família educa num contexto individual e privado e a escola educa num contexto coletivo e público. À família cabem lições relacionadas ao posicionamento pessoal diante do mundo. À escola, cabem lições ligadas ao relacionamento em grupo, aos direitos e deveres com relação ao coletivo.

Diante dessa crise, precisamos que nos orientem algumas ações essenciais para que não nos percamos nesse mar de dúvidas e hesitações.

Incentivar em nossos filhos a autossuperação é a primeira delas. Para que isso seja possível, precisamos substituir a censura pelo apoio e criar um clima que favoreça uma conversa aberta que conduza ao autoconhecimento e à superação das dificuldades por meio da potencialização das forças e do controle estratégico das fragilidades. Nossas crianças e adolescentes precisam, cada vez mais, terem consciência de suas forças e fraquezas. É essencial, também, aprender a adiar o prazer num mundo que convida o tempo todo à satisfação desenfreada dos desejos. A segunda ação é desenvolver habilidades essenciais à sobrevivência no mundo em que vivemos. Dentre essas habilidades, destacam-se a autonomia, a seletividade, a flexibilidade, a relação com os outros, a serenidade e a resiliência, que é a capacidade de aprender e se fortalecer com as situações difíceis. Por fim, é fundamental ajudá-los a desenvolver a educação da vontade. Já sabemos, por meio das pesquisas e das experiências pessoais, que o que nos move

A família tem o papel de educar no contexto individual e privado enquanto a escola educa dentro de um contexto coletivo e público.





"Numa sociedade com essas características, passa a ser frequente o pavor de não ser amado e surge a dificuldade de se olhar a criança e o jovem com olhos e postura de educador, ou seja, com os olhos de quem já superou todos os conflitos típicos dessas fases do desenvolvimento humano."

não é a inteligência, mas sim a vontade. Uma pessoa muito inteligente, mas fraca na administração de sua vontade, não sai do lugar. Por outro lado, alguém medianamente inteligente, mas com alto potencial de domínio de sua própria vontade atinge seus objetivos com relativa facilidade.

Uma das principais consequências da reconfiguração das relações educativas que já pode ser observada é o fato de termos, hoje, uma sociedade com baixíssima maturidade socioemocional e com elevado índice de carência afetiva. Numa sociedade com essas características, passa a ser frequente o pavor de não ser amado e surge a dificuldade de se olhar a criança e o jovem com olhos e postura de educador, ou seja, com os olhos de quem já superou todos os conflitos típicos dessas fases do desenvolvimento humano. Paralelamente a tudo isso, a crise de valores que assola nosso mundo em transição nos impede de ter certeza

quanto à atitude mais apropriada a tomar. Tornamo-nos reféns da dúvida, da culpa e do martírio que ambas acarretam. Nossos filhos e alunos já descobriram isso e armam-se de "certezas circunstanciais" para desequilibrar a nossa já fragilizada convicção de educar. "Você está sendo injusto!"; "Mas você dorme tarde sempre todo dia!"; "Você é a única professora que não deixa!"; "Pai, você bebe vinho, porque eu não posso?" Atacam cruelmente a nossa geração de adultos portadores de uma consciência confusa e culpada e, muitas vezes nos aniquilam e nos impedem de dizer com carinho, tranquilidade e firmeza um sonoro e necessário "não". E, na maioria das vezes, é isso que eles necessitam e, bem lá no fundo, até desejam.

(*) Júlio Furtado é pedagogo, psicopedagogo e professor. É doutor em Ciências da Educação pela Universidade de Havana. Mestre em Educação pela UFRJ.